

**VERSÕES DE CAPA DA OBRA
DESCULPE A NOSSA FALHA,
DE RICARDO RAMOS: O
DESPERTAR PARA O
PRIMEIRO ATO DA LEITURA**

*THE BOOK COVER VERSIONS
DESCULPE A NOSSA FALHA
BY RICARDO RAMOS:
AWAKENING TO ACT OF
READING*

**Liliane Lenz dos Santos¹
(UNEMAT)
Aroldo José Abreu Pinto²
(UNEMAT)**

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, *Campus* Tangará da Serra. Tangará da Serra/Mato Grosso/ Brasil. E-mail: lililenz10@hotmail.com

² Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, *Campus* de Tangará da Serra. Professor do Departamento de Letras, Campus da UNEMAT de Alto Araguaia/MT. E-mail: aroldoabreu@uol.com.br.

RESUMO: Objetivamos nesse artigo verificar como a capa é importante para apreciação geral das obras voltadas para o público jovem, sendo certamente sua porta de entrada. Para atingir tal fim, apresentamos aqui a recepção por alunos do 9º ano de uma escola estadual do interior do Mato Grosso, demonstrando na prática como as capas das diferentes edições do livro *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos, perpassaram o tempo e amoldaram suas representações, de acordo com o público alvo, como também se ajustaram a cada época.

PALAVRAS-CHAVE: Ilustração; *Desculpe a nossa falha*; Ricardo Ramos; recepção.

ABSTRACT: We aimed in this article to see how the book cover is important for general assessment of the works aimed at the young audience, certainly being your gateway. To achieve this end, we present here the reception for 9th graders from a school in the state of Mato Grosso, demonstrating in practice how the book covers of different editions of *Desculpe a nossa falha* by Ricardo Ramos, permeated time and have shaped their representations according to the target audience, as well as set each time.

KEYWORDS: Illustration; *Desculpe a nossa falha*; Ricardo Ramos; reception.

Introdução

A primeira imagem é a que fica, segundo os ditos populares. A capa de um livro é o primeiro elemento que chama a atenção do leitor, por isso é digna de discussão e análises. Antigamente a capa servia apenas para proteger o interior do livro. A inclusão do nome da obra, como também do seu autor, deram a ela também um papel informativo, já que facilitava a escolha diante do que se procurava e fazia-se, assim, a distinção de cada objeto livro. Dessa forma, a capa

passou a ser um meio de comunicação entre a obra e o público, porém a sua visibilidade deu asas à imaginação daqueles que tinham interesse na sua venda, tornando-se um veículo privilegiado de promoção comercial.

Quando surgiu o objeto livro, era raro e de grande valor, acessível apenas a uns poucos que tinham posses e conhecimento, pois era manuscrito e individualizado. Segundo Carvalho (2008), a capa desses livros era feita de acordo com o desejo do comprador e com o seu poder aquisitivo, pois nelas eram utilizados materiais preciosos e diferentes tipos de técnicas, mas a partir da mecanização da obra esse ato foi repensado, padronizado. Como afirma Carvalho (2008, p. 34): “Os primeiros livros colocados no mercado não possuíam diferenças estéticas significativas, isto é, não existia qualquer fator de distinção expressivo entre as obras”.

O livro começou a movimentar o mercado e a chamar atenção daqueles que se beneficiavam com o seu comércio. Além disso, a industrialização fez com que esses objetos chegassem cada vez mais rápido às mãos dos leitores. Por isso, a capa deveria ser melhor elaborada, de forma que chamasse a atenção do público e, assim, provocasse maior índice de aceitabilidade e, conseqüentemente, de vendas.

Diante desse contexto, os autores e ilustradores passaram a elaborar as capas de acordo com o escrito, como também valorizando o seu público alvo, de forma que esses se interessassem pelo objeto a ponto de comprá-lo e consumi-lo.

Tendo em vista esses aspectos, objetivamos nesse trabalho de reflexão constatar como a capa é importante para apreciação geral de narrativas destinadas ao público jovem, sendo seguramente sua porta de entrada. Para tanto, observamos a recepção das capas da obra de Ricardo Ramos, *Desculpe a nossa falha*, por alunos do 9º ano, de uma cidade do interior do Mato Grosso, na Escola Estadual “Iara Maria Minotto Gomes”. Para atingir tal fim, faz-se necessário atentarmos inicialmente para alguns pressupostos da teoria da Estética da

Recepção, de forma que possamos compreender a importância da capa diante do leitor e da época em que ele está inserido.

A Estética da Recepção: alguns pressupostos

A Estética da Recepção surgiu a partir das considerações teóricas feitas por Hans Robert Jauss, em 1967, numa aula inaugural na Universidade de Constança, na Alemanha. Nessa aula, ele situou toda a história universal da literatura e sua desvalorização.

Jauss denunciou a calcificação da história da literatura, que estava presa a padrões herdados do positivismo e do idealismo do século XX, não permitindo que esta desenvolvesse o ser humano de forma completa, como tinha capacidade para fazê-lo, e somente através da superação desse estilo de ensino é que seria possível surgir uma nova teoria literária, fundada no “inesgotável reconhecimento da historicidade” da arte (In: ZILBERMAN, 2004, p. 9). Para Jauss, esta era um elemento fundamental para a compreensão da vida social.

As teorias anteriores se preocupavam com as obras e seus autores, deixando à margem um terceiro elemento que dá vida à trama literária, o leitor, porém a Estética da Recepção muda o foco, como afirma Zilberman (2004, p. 10-11):

a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social.

O estudo da recepção mudou o foco porque colocou o leitor como coprodutor do texto, pois ao ler, ao receber o texto, pode dar significado a ele, mostrando que ler não é somente decodificar palavras, mas construir sentidos. Lima (2001, p. 134) afirma que:

Em Jauss, a recepção é sempre o momento de um processo de recepção, que se inicia pelo “horizonte de expectativa” de um primeiro público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica de pergunta e resposta”, que relaciona a posição do primeiro receptor com os seguintes e assim resgata o potencial de significado da obra, na continuação do diálogo com ela.

Dessa maneira, o leitor passou a fazer parte intrínseca da análise do texto, pois este foi escrito para um receptor e a obra só passa a fazer sentido quando este receptor dá significado a ela. Nessa perspectiva, é importante reconhecer o *horizonte de expectativas* do leitor, pois esse horizonte é que vai, a princípio, motivar a leitura de determinado texto. O horizonte de expectativas, nessa perspectiva, é a forma como o indivíduo vê o mundo, é a leitura que faz de tudo que o rodeia desde o seu nascimento, é sua história, seus conceitos e desejos diante de uma realidade, portanto se faz importante porque o leitor traz consigo sua história, suas crenças, seus princípios ideológicos, seu horizonte de expectativas diante da obra selecionada para leitura. Em outras palavras, o horizonte de expectativas é a lembrança de todas as outras obras lidas e momentos vividos e a Estética da Recepção respeita esse horizonte, porque é diante desses pressupostos que o leitor dará novos significados à obra, pois sabemos que a cada leitura surge uma nova obra, momento em que se tece uma relação dialética entre autor, obra e leitor, mostrando a importância do ato da leitura. Como afirma Jauss (2003, p. 66-67),

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do “meio e do fim” da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas

ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto.

Quando o leitor entra em contato com o texto, acontece uma fusão de horizontes de expectativas, a do leitor com a do autor, pois este também colocou em sua escrita todas as suas ideologias e conhecimentos anteriores. Sendo assim, a obra será completamente recriada pela recepção do leitor, pois, como já foi dito, é ele quem dá significado e sentido a ela.

A obra pode satisfazer o leitor ou não, quebrando ou até mesmo ampliando seu horizonte de expectativas. A reflexão sobre a obra dentro da recepção feita pelo leitor contribui para o esclarecimento do fenômeno comunicativo que ocorre entre leitor, obra e autor, pois ao percorrer o texto o leitor se comunica com o autor trazendo antigos conhecimentos e aprimorando-os, assim vai se preparando para interagir com outros textos num processo espiral de construção de sentidos, e isso se dá pelo “prazer estético”.

O prazer estético é, como diz Lima (2001), o prazer pelo belo, pelo gostoso, pelo sensível, pela satisfação dos cinco sentidos ou pelo prazer oposto, como a fascinação pelo grotesco, pela morte. A literatura “é capaz de afugentar o temor e de banir o sofrimento, de provocar alegria e de suscitar a compaixão” (LIMA, 2001, p. 66).

Para que haja o prazer estético é necessário haver a percepção de três categorias, que são a *poiésis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. Em primeiro lugar vem a *poiésis*, que é o prazer que o indivíduo sente ante a obra que ele produziu diante do que leu, em suma, é o prazer de sentir-se coautor da obra. De acordo com Lima (2001, p. 80),

a *poiésis* corresponde à caracterização de Hegel sobre a arte, segundo a qual o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de “sentir-se em casa, no mundo”, ao “retirar do mundo exterior a sua dura estranheza” e convertê-la em sua própria obra.

A segunda categoria é a *aisthesis*, que demonstra o efeito de renovação da percepção do mundo que circunda o leitor. A obra passa a lhe causar uma nova visão sobre tudo que o rodeia, permitindo-lhe a ampliação do seu horizonte de expectativas. E, em terceiro lugar, como parte do prazer estético, vem a *katharsis*, que é definida “como a concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social, numa retomada de ideias expostas anteriormente” (ZILBERMAN, 2004, p. 57). Isto é, o espectador não apenas sente prazer diante da obra e do novo conhecimento, mas é mobilizado à ação.

Essas três categorias, para Jauss, não devem ser vistas de forma hierárquica, mas sim como cooperadoras entre si, podendo se auxiliar em momentos diversos. A Estética da Recepção procura manter um olhar no todo, conservando sempre a comunicação entre a tríade leitor, texto, autor, ficando claro que ler é abrir-se a novos horizontes, a novos textos oriundos de outros textos e, assim, ampliando a visão que se tem do mundo pessoal. Passemos, então, a observação de como se dá esse processo de recepção em uma obra voltada ao público juvenil.

A obra *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos

O livro *Desculpe a nossa falha* foi lançado em 1987 pela Editora Scipione, na “Série Diálogo”. Escrita por Ricardo Ramos, autor que iniciou sua carreira escrevendo principalmente contos destinados ao público adulto, a narrativa ganha destaque entre as suas demais obras dirigidas ao público juvenil. Embora já se tenham transcorrido cerca de 28 anos após sua primeira publicação, *Desculpe a nossa falha* continua sendo um texto rico em imagens, muito bem elaborado e que traz questões atuais e reflexivas.

A “Série Diálogo” é direcionada ao público juvenil, em especial alunos das séries finais do Ensino Fundamental e iniciais do

Ensino Médio, proporcionando a eles momentos de reflexão sobre seu próprio cotidiano. É importante conhecermos um pouco das ideologias e estrutura da Série, para entendermos a estrutura intelectual que enredava o livro juvenil em destaque.

Segundo a Editora, a série tem o objetivo de oferecer aos jovens leitores textos brasileiros de boa qualidade, que lhes proporcione prazer e estimule a capacidade crítica de pensamento, como também procura oferecer condições básicas para a formação intelectual de um bom leitor, vendo o livro como algo essencial e não um produto supérfluo.

Muitos escritores dessa coleção, tal qual Ricardo Ramos, iniciaram na literatura “para adultos” e depois migraram para a literatura juvenil, colocando à disposição sua experiência e competência na escrita ficcional para um público diferenciado. Essa série sofreu várias alterações estruturais com o passar dos anos para atender às expectativas dos seus leitores, mas sempre manteve um mesmo padrão para as obras, a cada fase. As primeiras capas, por exemplo, tinham um colorido de fundo e depois, em primeiro plano, centralizado e de forma destacada, o nome da série, logo mais abaixo o nome do autor, depois em letras maiores, o nome da obra seguida de uma grande ilustração que tomava quase todo o espaço da capa. Esse estilo se dava para todas as obras da coleção, independente do título e do autor. Naquele momento, as capas foram feitas com esse perfil porque buscavam chamar a atenção dos jovens leitores.

A estrutura física dos livros também segue um mesmo padrão. No primeiro livro lançado, as orelhas apresentam os estados, cidades, endereços e telefones dos distribuidores da Editora Scipione. Na folha de rosto é exibido o nome da série, do autor e da obra, seguido da edição e o nome e logotipo da editora, tendo no verso as informações catalográficas do livro. Na página seguinte, tem-se o prefácio e logo após os capítulos. As últimas folhas trazem uma pequena biografia do autor, tendo, na página seguinte, o nome de outras obras do autor em questão e, na última folha, um “diálogo”

com o leitor sobre o objetivo da série. A contracapa mostra pequenas capas de outros livros da mesma série, como também o nome de outras obras e de seus autores, fazendo propaganda do material que a série oferece para o público leitor. O livro do qual tiramos essa descrição foi a quarta edição, com responsabilidade editorial de Luiz Esteves Sallum, projeto gráfico da capa de Isabel Carballo e ilustração interna de Carlus, sendo impresso no ano de 1990. As ilustrações contidas nessa edição começam a partir do capítulo dois, com desenhos simples em preto e branco que não reproduzem a cena descrita, mas procuram levar o leitor a parar e refletir sobre a arte, a vida. Sandroni e Machado (1986, p. 38) afirmam:

A imagem confere ao livro, além do valor estético, o apoio, a pausa e a oportunidade de devaneio, tão importante numa leitura criadora [...]. É comum pensar-se que a imagem está apenas ligada ao texto. Ela pode ser um elemento decorativo no livro, pode ser fiel ao texto, mas pode também ir além do texto.

Como é possível perceber, as imagens contidas nessa primeira versão da obra de Ricardo Ramos conferem valor estético à obra, pois levam o leitor a ir além do texto. A outra edição que apresentou a capa reelaborada apresenta a mesma sequência na folha de rosto, sendo diferenciada apenas pela inserção de um pequeno círculo com um coração no centro e com a palavra “adolescência”, como a que foi apresentada nessa capa, tendo também no verso os dados catalográficos, seguidos do prefácio. As últimas folhas mostram também uma pequena biografia do autor e logo depois o nome de outras obras escritas por ele. O que diferencia é que no verso da última página foi tirado o “diálogo” do editor com o leitor e colocados os locais de distribuição da editora, já que essa versão não apresentou a orelha do livro.

As ilustrações continuaram as mesmas e os responsáveis pela editoração do livro também permaneceram. O livro usado para tal

descrição foi o da segunda impressão da 12^a edição, colocado no mercado consumidor no de ano de 1998.

No terceiro livro apresentado, há na folha de rosto o nome da série seguido do nome do autor, depois o nome do livro em letras maiores e, por fim, o logotipo e o nome da editora, todos centralizados. No verso, da mesma forma que os livros anteriores, os dados catalográficos seguidos do prefácio, como também, nas últimas páginas do livro, a biografia do autor e a sequência de outros livros escritos por Ricardo Ramos, seguindo a ordem dos anos de lançamento de forma crescente.

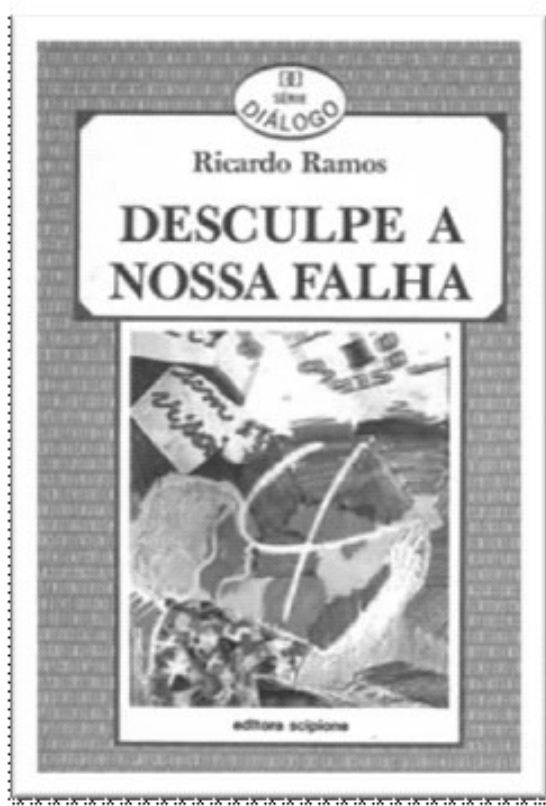
A contracapa se diferencia das anteriores. No alto e centralizado tem-se um balão de diálogo, com o objetivo da série e comentando a presença de um roteiro de trabalho que acompanha o livro, possivelmente para chamar a atenção do professor. Abaixo do balão, foi colocado um comentário do tema, que é o roubo de provas, como também uma crítica à atual avaliação escolar e, posteriormente, a idade indicada para a leitura de tal obra. No fim da capa, há novamente o logotipo e o nome da editora.

A última versão se diferencia em muito das demais. Apresenta orelha do livro, capa, folha de rosto, catalogação, acrescentando uma folha para dedicatória, sumário e depois o prefácio. A contracapa apresenta apenas um trecho do diálogo entre Sérgio e o bedel, quando esse lhe insinua a troca do suéter pelas provas, buscando, nos parece, aguçar a curiosidade do leitor.

Um olhar sobre as várias capas de *Desculpe a nossa falha*

A primeira capa do livro *Desculpe a nossa falha* apresenta um fundo lilás, com o nome da série, do autor e da obra sob um fundo branco, destacando assim esses elementos de reconhecimento do livro e, abaixo, um desenho apresentando uma pessoa de cabelo curto, não sendo possível definir se do sexo masculino ou feminino,

escrevendo em um quadro. Esse quadro está pintado com várias cores, de forma desordenada, sem seguir um padrão. As cores utilizadas são verde, azul, vermelho e amarelo, mas ao prestarmos mais atenção é possível imaginar um mapa ali desenhado, mostrando que aquele estilo de educação não pertencia a uma região específica, mas abrange todo o país. Com um giz a pessoa faz um “C”, de correto, com um corte no meio, símbolo utilizado geralmente por professores ao corrigir avaliações e concluindo que a questão está “meio certa”. A camiseta que a pessoa veste tem as mesmas cores do quadro, mas com pinturas menores, demonstrando que ela mesma faz parte do que ensina, do que coloca no quadro para ser aprendido pelos que a assistem. Segue abaixo a figura de tal capa.



(Primeira capa)

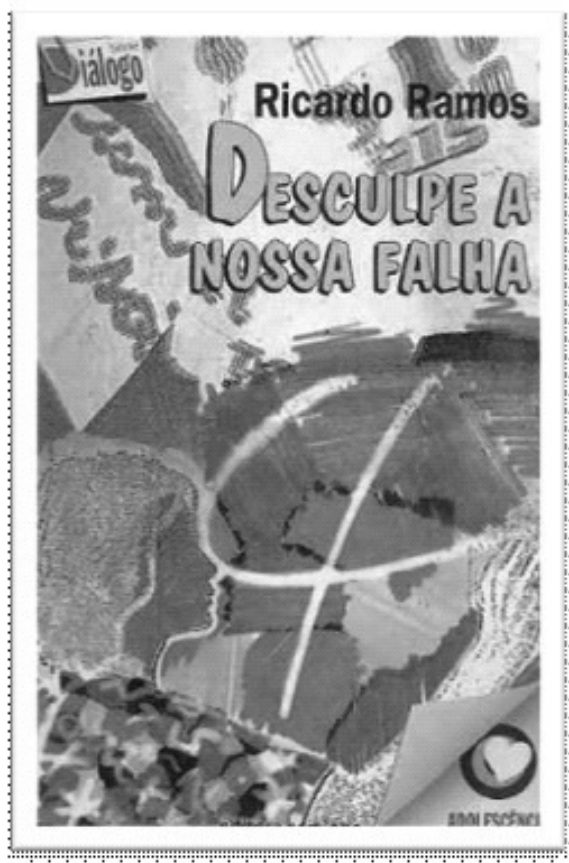
Sobre essa capa algumas alunas da Escola Estadual “Iara Maria Minotto Gomes” comentaram sobre o dissabor da mesma, o quanto elas não se sentiram atraídas pela narrativa³.

Kelly, 14, F: Agora, *Desculpe a nossa falha*, primeira edição, a capa parece de um livro didático, eu achei, se eu o visse na prateleira eu ia achar que era um livro dos professores, eu não ia pegar, os desenhos muito sem noção, que eu olhando, não tem nada a ver, sem cor, parece só esboços, não me chamou a atenção não. Usualmente quando eu vou ler um livro, eu pego, olho a capa e os desenho que tá dentro, se não tiver desenho, aí melhor ainda... né! Eu prefiro livro sem desenho.

Carla, 14, F:A primeira edição de *Desculpe a nossa falha*, ele assim, eu não gostei muito dele, a capa dele não chamou atenção, e... as folhas são bem servidinhas, as letras também são bem boas, os desenhos não é muito a ver com o que fala no livro né, não gostei muito da capa.

Diante de tais declarações, é possível compreender a mudança da primeira capa, pois com o passar dos anos os leitores vão mudando e a literatura necessita seguir o mesmo fluxo. Como disse a aluna Kelly, o livro parece didático e não é mais atrativo para a nova geração. Infelizmente não tivemos acesso a depoimentos da época do lançamento do livro, que possivelmente tenha agradado àqueles leitores, já que uma coleção inteira seguiu o mesmo padrão.

Depois dessa versão, surgiram as novas capas da coleção e foram retirados os fundos coloridos, de modo que o mesmo desenho do livro anterior preenchesse todo o espaço. O nome da série passou a ficar à esquerda, como que um lembrete no papel preso a um clips e o nome do autor acima do nome da obra no canto direito, todos esses elementos sobre o desenho principal. No canto direito inferior colocou-se um destaque para o público-alvo, um triângulo que dá a impressão de que a folha está sendo deslocada e na nova folha escrito abaixo de um coração: ADOLESCÊNCIA.



(Segunda capa)

Como percebemos, a segunda capa não sofreu grandes alterações, somente se destacou o colorido da capa anterior, que foi o que possivelmente mais tenha chamado a atenção dos então jovens leitores, destacando o público-alvo, como que convidando esse grupo para ler tal obra. Percebe-se aí um apelo para a ação de ler.

Posteriormente, surgiram capas mais arrojadas e com cores mais chamativas, com a borda esquerda, de aproximadamente um centímetro de alto a baixo, destacando uma só cor e na parte superior o nome da série. A ilustração toma o restante da capa. No canto superior esquerdo, da mesma forma e cor que destacou a série, fica

o nome do autor. O nome do livro ficou em destaque na parte superior direita do desenho, este sendo relacionado com o enredo da narrativa.



(Terceira capa)

Tal capa foi atualizada e completamente modificada, passava uma ideia de seriedade pelas cores mais escuras e fortes, exigindo mais a atenção do seu leitor, o que levou alguns alunos a não apreciarem a obra, talvez por não terem ainda maturidade para uma boa apreciação.

Geovane, 14, M: A terceira edição eu também não gostei muito, essas, essas pessoas... também parecem que uns senhores já... querendo estudar ainda. A letra eu achei pequena, por causa que se minha vó pegasse pra ler ela não ia entender (risos), só.

Carla, 14, F: A terceira edição, eu também não gostei da capa por causa do... do desenho, sei lá, não chama atenção, e... a letra também é boa, as folha, o desenho é meio borrocadinho, assim não dá pra compreender muito bem... só.

Embora a terceira capa parecesse mais séria, outros alunos já conseguiram enxergar a narrativa a partir da arte, isto é, a capa já possibilitou que os educandos começassem a preencher os vazios do texto, relacionando a problemática que foi abordada na narrativa com as imagens e cores vistas na capa.

Mariana, 14, F: A terceira edição já é mais bonita, eu ia falar maneira, mas é mais bonita, novo, esse terceiro tá parecendo uma coisa mais séria, uma coisa de escola. Eu falei pra Jenifer que tava parecendo um gabarito, que tem a ver com a prova, não tem, tá parecendo aqui ó, de marcar os quadradinho aqui, deixa eu ver, a folha é diferente, esse tem uma folha boa, a letra é a mesma. As figuras são iguais nesses três livros, só mudou a capa. E não chama atenção, a terceira parece ser mais chata que as outras. É, professora, se fosse pra mim ler um desses três eu ia ler o segundo ó, porque tá mais a ver.

Daniel, 15, M: Já a terceira, já começou a ficar melhor, por causa que tem essa imagem aqui na frente que já dá pra saber que é da prova. E as imagem da primeira e segunda edição são igual.

Ainda que a terceira capa demonstrasse algum tipo de interação entre obra e leitor, possivelmente chamando a atenção do público leitor da época em que foi lançada, não se fez satisfatória para os entrevistados na atualidade. Foi então lançada a última versão de capa da obra *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos.

A nova versão foi bem inovadora, apresenta um balão de diálogo de tamanho considerável, à direita, que pega praticamente toda a parte superior, em cor marrom, tendo escrito em seu interior em cor branca o nome do autor, seguido, em letras maiores, do nome do livro.

A ilustração toma toda a parte inferior do livro, tendo parte do desenho sobre o balão acima citado. O livro tem fundo branco, que destaca ainda mais o balão e as personagens ilustradas. Estas são aparentemente três meninos, um centralizado com as mãos nas costas e em pé com a cabeça ereta, como que focando o leitor. O garoto da direita está sentado sobre uma mesa, com as mãos espalmadas na parte de trás, como que apoiando o corpo, as costas curvadas e a cabeça levemente voltada para o leitor, como se estivesse com vergonha e o terceiro menino está sentado de frente para o leitor, de pernas abertas e relaxadas, com as mãos cruzadas sobre as costas da cadeira e com a cabeça também ereta em direção ao receptor, dando a entender que é descontraído e não se sente culpado ou envergonhado por algo. No canto direito inferior, de maneira centralizada embaixo da mesa desenhada, o símbolo de um leão e o nome anglo.

A cor marrom sugere o sentimento de estabilidade e afasta a insegurança a princípio, mas também está relacionada à repressão emocional, ao medo do mundo exterior e também insegurança para com o futuro, sendo assim, é uma cor que demonstra sentimentos dúbios. A cor branca sugere proteção, conforto, paz. As duas cores combinam com a história narrada neste livro, em que três garotos tinham o sentimento de certeza até que tudo desabou e o medo passou a fazer parte daquele momento das suas vidas, mas a esperança não os deixou desmoronar.

As roupas usadas na ilustração são verdes e marrons. O verde é sinal de esperança diante de tudo o que viviam, e o marrom lembrava a inconstância sobre os resultados que sobreviriam a eles, mas também da (in)sensatez de quem os estava julgando.

O garoto com posição e cabeça ereta demonstra confiança e firmeza, porém suas mãos atrás das costas demonstram que está escondendo algo e por isso teme. A mesa geralmente traz o significado de reunião de um determinado grupo, e o garoto sentado sobre ela demonstra desrespeito, como também o alvo da reunião, mas seu olhar desconfiado, ainda que não possamos ver seus olhos, nos remete ao pensamento de que está com medo do futuro. O



(Quarta e última capa)

terceiro e último garoto não demonstra preocupação com o que acontece, consegue ter um olhar ativo, mesmo que a situação não esteja em ordem (cadeira na posição inversa), mas sabe que pode superar o que está prestes a acontecer. Todas essas imagens remetem às personalidades das personagens centrais da história.

Todas os personagens estão com a cabeça virada para o leitor, porém nenhum deles apresenta olhos, nariz ou boca, sugerindo que o leitor também faz parte da narrativa, que ele deve fazer uma leitura sem prejulgamentos (ou olhares definidos) e é ele, o leitor, que dará o veredito final das atitudes daqueles três rapazes ali apresentados.

O nome anglo ficou centralizado, como já foi dito, embaixo da mesa, sugerindo que houve uma reunião de uma categoria bastante elevada, talvez demonstrando uma hierarquia que decidira que este sistema é que lançaria esse livro somente para o FNDE, pois a mesma versão também se encontra disponível dentro da série Diálogo para venda em livrarias de todo o país, mas pela Editora Scipione.

O fundo branco demonstra que é uma leitura de maneira geral leve e descontraída, digna de um leitor juvenil.

Observando a recepção dos alunos a essa capa, podemos entender por completo a mudança, pois foi uma arte que chamou a atenção e aguçou o desejo de manusear e ler a obra, como também alguns passaram a refletir sobre ela.

Kelly, 14, F: A última edição eu gostei muito, a capa, o *designer* dela já foi muito bom, os três meninos que são os principais, estão colocados aqui, e eles sem rosto é melhor que, isso inspira a gente imaginar como eles são e substituir por pessoas que a gente estuda junto.

A aluna consegue perceber a ausência da face e trazer essa questão para a sua própria realidade, pensando como isso acontece também em sua instituição de ensino. A aluna Cristina concluiu que aquela capa sim foi escrita para a sua época, como diz:

Cristiane, 14, F: A quarta edição foi a... a que eu mais gostei, que foi... a última edição que eu acho que ele foi preparado pra nós, adolescentes do século 21, é... que ele foi, tipo, que mostrou contendo esses três jovens que começou a história, atrás das provas, então a capa, ela é uma capa boa, agradável, que mostra os adolescentes da nossa época, [...].

Mesmo que para alguns alunos a capa não tenha passado uma ideia muito clara do que tratou o texto, ainda assim chama a atenção para uma possível leitura.

Geovane, 14, M: Ah! Mas a quarta edição eu chegaria, tem alguma coisa diferente nela que eu pegaria. Só pelo seguinte, a capa é bonita, tem muita... como fala, sumário?, tem muito, a edição também é muito boa, os desenho já dá pra entender melhor. A malha ver..., a malha que fala no texto também, tal, dá pra você ver, a letra é boa, o desenho também deviam ser muito embaraçoso mais, percebe melhor que os outros, as outras edição, só.

Mariana, 14, F: A última versão tá filé, professora, tem os três lá da prova, a folha, a letra chama mais atenção, ele tá pra uma coisa mais séria e as figuras tão tipo super, híper, mega, ultra diferentes. Não tem nenhuma figura repetida, dá pra você ver elas e já lembrar da história, esse livro aqui tem tudo mais a ver, ó. Você bate o olho na figura, você já lembra e as outras edição não. Não dá nem pra você entender.

Ana Patrícia, 14, F: Já a quarta edição eu acho mais interessante porque os três menino ali sentado. Dentro do livro tem... tem tudo a ver, tudo a ver com o livro, tem a camisa aqui, a malha, tem tudo a ver com o livro a quarta edição. Eu achei mais interessante a quarta edição, eu pegaria pra ler, as outras não.

Os alunos conseguiram compreender, talvez sem ter certezas, que aquela capa lhes era direcionada e desenvolvida para envolvê-los.

Conclusão

O livro *Desculpe a nossa falha* perpassou todas as mudanças pelas quais também passaram a sociedade e sua juventude, mantendo-se uma obra rica e atual, mas que se adequou a cada época vivida pelo seu público-alvo e, assim, permitiu a reflexão de um assunto polêmico e sempre atual: o roubo de provas.

Ricardo Ramos conseguiu manter um estilo próprio que proporcionava reflexão através da obra e cada capa desenvolvida foi pensada para o seu tempo, embora pudemos observar que as três capas primeiras não agradaram tanto aos alunos do 9º ano, o que é completamente compreensível, pois estes são alunos que vivem no século XXI, mas possivelmente os leitores anteriores se encantaram por tal obra, permitindo que essa permanecesse por tanto tempo no mercado editorial, sendo em 2013 indicada para fazer parte dos livros paradidáticos oficiais do estado do Mato Grosso, participando do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

Diante de tal análise, pudemos perceber que a Estética da Recepção mostra que a capa de um livro também é parte fundamental da obra, sendo ela a grande responsável por chamar a atenção do leitor, proporcionando uma primeira leitura e de certa forma uma análise da obra como um todo, sendo então a capa a primeira página que provoca o ato de leitura, despertando assim o desejo de ler a obra completa.

Referências

CARVALHO, Ana Isabel. **A capa de livro: o objeto, o contexto, o processo.** Dissertação de Mestrado, Portugal, Universidade do Porto - Faculdade de Belas Artes, 2008.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à teoria**

Literária. 2. ed. Lisboa: Passagens, Trad. Tereza Cruz, 2003.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o Leitor:** Textos de Estética da Recepção. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

RAMOS, Ricardo. **Desculpe a Nossa Falha.** 1. ed. São Paulo: Anglo, 2013.

_____. **Desculpe a Nossa Falha.** 13. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

_____. **Desculpe a Nossa Falha.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. **Desculpe a Nossa Falha.** 12. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul (orgs.). **A criança e o livro:** guia prático do estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Notas

³ Lembramos que os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios, seguido da idade e gênero.

* Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Organização e disponibilização do acervo de Ricardo Ramos: terceira etapa - a literatura juvenil do autor”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil, do qual os autores deste artigo fazem parte.